



*EXPERIENCIAS ESTUDANTIS EM MARECHAL  
CÂNDIDO RONDON, 2000-2010*

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto a barra inferior pode lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!



# APRESENTAÇÃO

NOTAS

Este artigo tem por objetivo problematizar experiências de estudantes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, na cidade de Marechal Cândido Rondon, tendo como recorte temporal o período entre 2000 e 2010. Abordo aqui um complexo conjunto de sentidos e sentimentos construídos na e a partir da memória de estudantes sobre suas vivências nesta cidade. Nas narrativas, são marcados deslocamentos sociais, culturais e geográficos significados a partir da lógica de construção de estranhamentos diversos constituídos a partir de contatos interculturais com as dinâmicas citadinas. Tal conjunto de questões é problematizado a partir da análise de entrevistas orais de sete estudantes.



# UNIVERSITÁRIOS NA CIDADE: EXPERIÊNCIAS ESTUDANTIS EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON, 2000 - 2010

NOTAS

Experiências de universitários são específicas, mas construídas em contextos socialmente compartilhados. Os universitários, aqui objeto de pesquisa e de análise, vivenciaram, imbricadamente, experiências citadinas e universitárias na e a partir da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – doravante Unioeste – campus de Marechal Cândido Rondon. Suas experiências são marcadas por esses espaços, produzindo identificações e tensões. Assim, pretendo discutir aqui, as diversas formas pelas quais universitários se inseriram na complexa trama de relações constituídas pelas suas vivências e experiências compartilhadas na universidade e na cidade.

Buscando construir a compreensão de experiências universitárias na cidade, esse texto foi estruturado em dois momentos dialógicos. A compreensão de estranhamentos construídos pelos estudantes no contato com a cidade, problematizando a ênfase dada pelos entrevistados sobre um sentido preconceituoso elaborado a seu respeito pelos citadinos e estratégias de inserção nas sociabilidades e relações de trabalho citadinas construídas pelos universitários.



### **Estranhamentos: “Se eu olho pra cidade eu não sei estudar a cidade”**

Cristian, como veremos, narra processo de inserção na cidade, por meio de uma noção apropriada do entrevistador - “transição” - para significá-lo. Cristian migrou de uma pequena propriedade rural de São Cristovão, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para a cidade. Além do ingresso na universidade, deve ser pensada em sua narrativa a questão da migração do campo para a cidade. Esse processo não ocorreu apenas no caso dele, mas também nos casos de Nicheli e Tiago, a respeito do qual serão problematizadas algumas questões adiante. Durante e entrevista com Cristian solicitei a ele que falasse a respeito do período de “transição”, ou seja, o momento de chegada e experimentação na cidade. A partir daí o depoente se apropriou do conceito incorporando o mesmo em sua narrativa:

Olha... Transição... É algo assim que foi... Que nem eu te falei antes, era... É chato vir. Porque você tem um estilo de vida, você é meio que do mato e aí tem a malandragem de lá, você sabe conviver com as pessoas de lá. Cumprimentar teu vizinho, você sabe conversar em alemão com ele, você conversa com essas pessoas de uma forma. Você tem um estilo de se vestir, um estilo de conviver, é tudo uma questão tradicionalista e vem pra cidade e encontra milhões de vícios. Você vem pra cá tem um bar na tua esquina de casa, tem um shopping, tudo leva você a gastar. Têm teus amigos tudo próximo, teus amigos tão ali a dois minutos de caminhada, ou moram contigo no mesmo prédio. Tudo é motivo pra festar, parece que isso tá no psicológico da pessoa. Quando o cara não tem conhecimento, o jeito mais fácil de se esconder do conhecimento é fazendo festa, ou dormindo, ou comendo. Então não foi legal. Não consegui, acho que até hoje, me acostumar totalmente com a cidade. (CRISTIAN LUDKE, 2010)



A chegada de Cristian, na cidade, foi marcada pelo choque entre dois modos de vida tidos como diferentes. Seu deslocamento não implicava apenas o ingresso na universidade, mas na inserção social em uma cidade com sua dinâmica própria. Nem sempre é possível construir trocas entre as subjetividades dos sujeitos que chegam à cidade e à multiplicidade de temporalidades da mesma. Assim, estabeleceu-se, no caso de Cristian, um choque entre diferentes modos de vida. Em sua narrativa o estudante contrapôs seu modo de vida, identificado com o campo, e os modos de vida da cidade. Essa contraposição encontra uma problematização nas análises de Williams em *O Campo e a Cidade* (WILLIAMS, 1989). O campo seria historicamente apresentado como o lugar da integridade, da solidariedade, enquanto a cidade seria o lugar dos “vícios”. Nessa linha, Cristian, contrapôs seu modo de conversar, de viver, de se vestir, com os modos de vida da cidade. Em tal contraposição construiu sentidos pejorativos para a cidade. Na urbe, viu facilitado o acesso a diversos “vícios”, que se não define, condena. Colocar a cidade como o lugar de acesso a tais vícios é reforçar narrativamente, de algum modo, sua visão do campo como lugar idílico e ideal para se viver.

Cristian se apropriou de uma noção do entrevistador – transição – para construir sua fala a respeito de um período vivenciado. Evidenciou estranhamentos sentidos na sua relação com a cidade. Se antes, no campo, possuía os códigos de convivência necessários para se comunicar com os demais daquele meio social, agora os códigos eram estranhos a ele. Tendo dificuldade de lidar com a situação, a saída foi se esconder das possibilidades oferecidas pela cidade. Essas possibilidades, narradas como “vícios”, se inserem em lógicas com as quais ele não podia e não queria se envolver. Esse é o caso da lógica de consumo, que foi identificada no primeiro conjunto de vícios, o bar e o shopping. Cristian não pode se inserir, nessa lógica, pela ausência de recursos financeiros que devem ser direcionados para as necessidades estudantis. Nessa lógica, ele inseriu um espaço de consumo inexistente em Marechal Cândido Rondon, qual seja, o shopping center. Não há, nem nunca houve um shopping, mas Cristian apontou esse lugar como um dos “vícios” apresentados pela cidade. A imagem do shopping como símbolo da cidade e da



modernidade foi marcada em sua fala, porque a cidade não é apenas o concreto e o asfalto, não é apenas a cidade material, mas também é uma cidade imaginada.

Tal percepção de cidade é constituída em diálogo com sentidos historicamente construídos sobre a cidade, que apontam, como já afirmava Willians (1989), para uma dicotomia entre uma cidade que é apresentada como símbolo do progresso e modernidade, e o campo apresentado como espaço do atraso e da obsolescência. Essa leitura feita por Cristian está em consonância com as imagens construídas para o campo e para a cidade descritas e problematizadas por Williams: “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e de virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz” Ao se referir ao shopping, Cristian está identificando Marechal Cândido Rondon com uma ideia de cidade imaginada a partir de representações de outras cidades, a cidade como o lugar do shopping, da modernidade, do consumo, do conhecimento. Ao transformar sua referência de Marechal Cândido Rondon em algo genérico, construiu uma oposição entre campo e cidade. Para isso contribuiu a própria expressão “transição” que remete a uma ideia processual de mudança entre dois lugares, ou temporalidades, distintos.

Sobre as relações entre juventude e cidade ver o documentário Hiato: a partir deste documentário é possível problematizar as formas como as cidades propiciam ou vedam aos jovens a inserção em seus espaços e como a juventude lida com as oportunidades e bloqueios oferecidos pelo espaço urbano. O documentário oferece, também, um contraponto à problemática deste texto, que se desenrola em uma cidade pequena, ao abordar dinâmicas de um espaço urbano metropolitano.)



A cidade apresentou, também, a possibilidade de lidar com tais estranhamentos através do lazer. Foi narrado, de maneira impessoal – “quando o cara não tem conhecimento...” – a possibilidade de se esconder em festas, comida ou na cama. Essa impessoalidade remete a uma tentativa de marcar uma diferenciação entre seu lugar social, universitário, que implica certas responsabilidades, e o ócio representado pelas festas, pela comida ou pela cama. Nesse movimento narrativo de marcar seu lugar social, Cristian constrói uma imagem pela qual quer ser identificado. A imagem é semelhante à construída, mesmo que por outros caminhos, por outros universitários. Assim, Cristian reivindica para si a ideia de responsabilidade, de seriedade, em contraposição ao ócio.

Sua trajetória na cidade foi marcada por estranhamentos e aproximações, como podemos observar a seguir:

Sempre que tenho a chance tento ir pro interior e fugir um pouco da cidade, porque não me habituei totalmente a morar na cidade, não gosto de morar em cidade. Claro que facilita, tem tudo na tua mão. Mas se eu pudesse morar no interior, ou trabalhar no interior mesmo, é o que eu quero, eu acho que eu me sentiria melhor, porque são... Particularmente assim: lá é o que eu gosto de fazer, é o que eu gosto de ver, é o que eu sei ver na verdade. Se eu olho pra cidade eu não sei estudar a cidade, mas se eu olho pro mato eu sei estudar uma planta, sei o que esse animal está sentindo e tal, então é uma coisa diferente. (CRISTIAN LUDKE, 2010)

O que se depreende da fala de Cristian a respeito da ida para a cidade são estranhamentos, a percepção e o embate de dois modos de vida. Há dois conjuntos de estranhamentos principais: “Então, foi assim, em primeiro lugar, com certeza as pessoas, em segundo lugar a questão cultural” (CRISTIAN LUDKE, 2010). Ao ser indagado sobre o momento de transição, ele ressaltou a falta de conhecimento da “malandragem” necessária para viver de maneira tranquila. A “malandragem” referida por Cristian são os códigos sociais necessários para a comunicação e o entendimento em sociedade. Enquanto proveniente do campo, Cristian acredita já dominar a “malandragem”, os códigos de comportamentos rurais, como falar “alemão”. O mesmo não aconteceria no meio



citadino. Assim, lidar com as pessoas na cidade se torna um problema: “Ah, o mais difícil mesmo foi aprender a lidar com as pessoas. Porque a forma que eu tinha para me expressar era muito simples. O meu linguajar era muito caipirão, eu falava tudo errado, falava uns termos que a gente não... Não são coloquiais, o pessoal na cidade não utilizava.” (CRISTIAN LUDKE, 2010). No trato com as pessoas da cidade a maior dificuldade ressaltada foi o desconhecimento dos códigos de expressão. A fala assume uma posição de referência que marca identitariamente o sujeito “da cidade” e o sujeito “do campo”. Dois modos de vida que, a primeira vista, foram apresentados por Cristian como distintos, dialogam interculturalmente.

Cristian apresentou o modo como teria lidado com a falta de conhecimento dos códigos de sociabilidade:

Mas é uma coisa assim: naquela época tudo era motivo pra mim dar um soco em alguém, sabe? Porque eu não tinha, eu não sabia me defender com as palavras. Aí o pessoal tava tirando com a minha cara: - Óh, vou te dar um murro véio! Para com isso senão eu te espanco! Naquela época muito bem eu poderia fazer isso com qualquer um, porque eu era... É consequência, trabalhava que nem um cavalo, então tinha força demais. Mas foi um tempo assim, até que eu me habituei assim a conhecer, a entender o que esse pessoal estava querendo dizer, aprender a malandragem assim, foi o mais, com certeza, foi o mais difícil. (CRISTIAN LUDKE, 2010)

Como acreditava não conseguir se defender com palavras, Cristian optou pelo confronto físico, ou com a ameaça, como opção e possibilidade de defesa. Nesse momento, Cristian colocou em atuação um saber específico que atribuiu ao camponês: a força física. Detentor de grande força, resultado do trabalho braçal, Cristian pode se colocar em vantagem, mesmo que não a considere honrosa, no confronto “cabeça” versus “mãos”, tão caro para ele. Nesse momento, o enfrentamento com os estranhamentos chega ao seu ponto crítico. Na sequência foi amenizado. Cristian afirmou que esse momento foi passageiro em sua trajetória. No entanto,



apesar de passageiro “foi o mais difícil”. A partir de então outras questões foram apresentadas. Uma confrontação física que talvez possa ter acontecido foi silenciada.

Após esse momento de ápice do confronto com as pessoas da cidade, Cristian narrou outros estranhamentos e conciliações. Imediatamente, na sequência, o que apareceu foi a relação tranquila com o comércio local. Não há elementos na fala que expliquem de maneira objetiva essa mudança de direção. O que é possível conjecturar a partir das entrelinhas do relato é uma possível tentativa de tornar sua trajetória mais palatável e condizente com os valores que o mesmo acredita importantes depois de sua passagem ao urbano.

De qualquer modo, Cristian narra uma segunda instância de estranhamentos:

Em segundo lugar veio aqueles laços culturais. Porque aí não adianta, lá as festas eram de um jeito e aqui era totalmente diferente. Aqui tem boates, tem outros tipos de atrações. Que foi assim, até certo momento complicado, até que depois eu fui começar a entender que o mundo não é só música gauchesca e sertaneja. Aí você acaba aprendendo que pode assistir uma ópera, pode muito bem assistir uma banda de rock and roll tocar que também tem uma letra e essa letra conta uma história que pode fazer parte do seu país, da pátria que você defende. Então, hoje assim, eu não vejo... Claro, ainda tenho restrição a funk. Mas o resto assim sinceramente se eu puder assistir eu vou e vejo. Várias vezes assim em final de semana, eu acho que eu mudei um monte daí: - Ah, vamos pra um baile?: - Não, acho que não vou não cara, hoje tem uma apresentação aí num teatro e eu vou ficar e depois vou jantar com uns amigos. Já fiz isso várias vezes. (CRISTIAN LUDKE, 2010)

Assim, o estranhamento situado por Cristian como menos importante, visto que está em segundo lugar, teria sido superado. Dois modos de vida se chocam e estabelecem trocas. Não foi mais possível, para Cristian ficar preso estritamente aos seus referenciais culturais do passado. Foi necessário o diálogo com “culturas cidadinas”. Importa notar quais são as novas práticas de Cristian: o rock and roll, o teatro e o restaurante são as práticas culturais que ele passa a vivenciar. Assim, a



cidade é sentida como o lugar de novas experiências. Há uma ressignificação de suas práticas. Novos gostos se entrelaçam e negociam espaços em sua subjetividade. Novas identidades se constroem nessa interculturalidade. Entretanto, se o diálogo ocorre, ele não é uma via de mão única, em que o sujeito simplesmente recebe pacificamente aportes ao seu meio de vida. Cristian marcou, também, de maneira enfática sua posição social, ao fixar seu distanciamento com o funk. Deste modo, a interculturalidade é um diálogo, uma troca, mas também implica em disputas e, como no caso do funk, afastamentos. (CANCLINI, 2007)

A partir da fala de Cristian, adentramos num campo riquíssimo das trajetórias dos universitários analisadas. Ele apontou alguns estranhamentos enfrentados na mudança para Marechal Cândido Rondon. Esses estranhamentos são específicos, pois foram construídos a partir da historicidade de suas vivências, no período anterior à universidade. Assim, marcou estranhamentos, principalmente, a partir da relação entre campo e cidade. Os demais universitários marcaram cada um a partir de sua subjetividade e trajetória, estranhamentos outros, que não necessariamente esses apontados por ele.

Ao se mudar, Diego construiu expectativas a respeito da cidade que, segundo ele, foram atendidas:

Sobre a cidade, atendeu o que me falaram. Andei pesquisando sobre a cidade, como era aqui, a questão de índice de criminalidade, a questão de tranquilidade pra você morar e acabou sendo bem o que eu imaginei, o que me falaram. Uma cidade bem tranquila, tanto que logo que eu vim pra cá eu dormia de janela aberta, de porta aberta, bem, muito tranquila. Uma cultura bem diferente da minha, lá da minha cidade, como eu já falei. Lá é a maioria paulista e aqui é mais descendentes do Sul também, mais alemães também. Bem diferente, muita coisa diferente, desde a parte de organização da cidade em si, até a infraestrutura, o comércio é bem diferente da minha cidade, mas foi o que eu esperava também. (Diego Gamaro, 2009)



Nesse sentido, a expectativa de uma cidade tranquila, sem criminalidade, teria sido atendida. Entretanto, foram essas mesmas expectativas que construíram o ponto de partida narrativo para algo presente nas falas de universitários, a diferença cultural sentida, vivenciada e narrada. Assim, quando está falando de suas expectativas, imediatamente, coloca-as em movimento, evidenciando uma característica da cidade: a ênfase de determinados setores sociais na formação da cidade por descendentes de germânicos. Este é um campo complexo e crítico da História das relações sociais na cidade. Ressalto que os universitários presentes em Marechal Cândido Rondon, em diferentes quantidades, pelo menos desde a fundação da antiga Facimar, em 1980, geralmente estiveram fora da escrita da história pública sobre a formação da cidade. Tenho a clareza de que a cidade não é composta exclusivamente por descendentes de germânicos, mas também, por migrantes de diferentes procedências do país. No entanto, em diversos casos, como no de Diego, e outros neste trabalho, a cidade é percebida como de “alemães”. Diego narrou essa questão da seguinte forma:

A principal diferença é que aqui em Rondon, o pessoal puxa muito pra colonização alemã. Até o pessoal de fora fala que Rondon é um pedacinho da Alemanha aqui no Brasil. Na minha cidade não tem muito, não puxa muito numa certa direção, vamos dizer, pra alemão, pra italiano, é mais um mistão, é mais um misto de várias nacionalidades que estão misturadas ali junto. Não tem igual aqui que é mais alemão que predomina, a principal diferença é essa. Aí você vê também as pessoas, aqui tem muito alemão, e alemão tem aquele jeitão dele, se é bom ou se é ruim não cabe a mim dizer, mas tem aquele jeitão dele. Já se pegar uma colonização italiana uma coisa assim, o pessoal já é diferente, a maneira de pensar, a maneira de se tratar, você já começa a perceber algumas diferenças ali. (Diego Gamaro, 2009)



Mesmo referindo-se à fala de outras pessoas – “até o pessoal de fora fala” – ele caracteriza Marechal Cândido Rondon como “um pedacinho da Alemanha aqui no Brasil”. Referir-se a essa questão, por meio da fala de outras pessoas é uma tentativa de eximir-se da responsabilidade da afirmação. Se a cidade não é composta apenas por descendentes de sulistas, ao referir-se a ela, Diego a narra desse modo. Aqui importa mais a forma como a cidade é vista, sentida, do que sua real composição étnico-social. Além de sua composição, a forma como sua composição é sentida constrói significados nas memórias e narrativas do estudante.

Na mesma fala, Diego se referiu ao “jeitão” do então representado como “alemão”. Não é, segundo suas palavras, sua intenção julgá-los. Entretanto, seu gestual, suas expressões, bem como a forma como a expressão é proferida, marcam um distanciamento que caricaturiza esse grupo social, com o qual Marechal Cândido Rondon é identificado. Diego, ao construir sua fala, marca distanciamento a essa ascendência cultural. Afirma que em Terra Roxa conviveu com diferentes origens étnicas, diferentemente do quadro social encontrado na cidade.

Referir-se ao “jeitão” dos “alemães” é uma tentativa de marcar identitariamente seu lugar social, distanciando-se daqueles que denomina como tais. A identidade é construída a partir da percepção e do reconhecimento do outro. Ao se distanciar desse grupo, construiu firmemente uma aproximação com outro que, em sua fala faz oposição a eles, os universitários. Assim, marcar essa posição é, mais do que exprimir uma opinião, marcar seu posicionamento identitário e a forma como quer ser reconhecido.

O estranhamento com os “alemães” que formariam a cidade, em oposição aos universitários que sofreriam da parte deles uma série de preconceitos e de pressões, aparece em outras narrativas. Há entre os entrevistados um conjunto de estranhamentos com a cidade em torno dessa questão. Na tentativa de expressá-los para si próprios constroem uma dicotomia entre o nós, os universitários, e o eles, os “alemães de Rondon”. Essa dicotomia foi compartilhada por diferentes estudantes, de diferentes cursos e segmentos sociais. Vejamos o caso de Wagner:



Ah, no começo é meio ruim por causa dos alemão (risos). Agora já morreu um monte dos velhos... No começo a cidade era um pouquinho... Quando eu cheguei aqui sete anos atrás, a cidade era mais fechada assim, estudante pros alemão era um negócio mais, assim era, um exemplo assim, um pessoal mais vadio que só queria saber de festa e coisa assim. Aí foi mudando, eu fui me adaptando bem, aí o círculo de amizade vai... A gente vai começando a criar um círculo de amizade, de pessoas da cidade, da faculdade e aí começou, por aí, mas no começo foi um pouquinho difícil pra se adaptar. Que nem, eu morava numa cidade onde os mercados ficavam abertos até nove horas todo dia, final de semana e feriado até as nove e aqui em Marechal não. (WAGNER DA SILVA, 2010)

As dificuldades enfrentadas foram divididas em dois campos: a dificuldade de ingressar na sociedade local, que era, segundo ele, “mais fechada”; e a dificuldade de se adaptar ao comércio local, a um novo modo de vida. Outros sujeitos seguiram na mesma linha. Vejamos o caso de Kleber, professor de História que atua em colégios particulares da região:

Quando eu cheguei em Rondon, eu sofri preconceito como boa parte das pessoas que vem de fora. Porque Marechal Cândido Rondon tem uma sociedade um pouco fechada, eu não vou dizer preconceituosa, fechada. Porque assim, até os moradores, principalmente o pessoal de mais idade 50, 60 anos de idade que não te conhecem, não sabem quem você é, você chega de fora eles querem saber quem você é. Talvez por uma certa desconfiança, um receio, demora um pouco até você se habituar. Então é difícil até arrumar emprego aqui. Por isso que você acaba fazendo um bico de garçom, fazendo digitação pra um colega que não tem tempo porque trabalha, então assim, é complicado. (KLEBER MELCHIOR, 2010)



Kleber demarcou sua relação com grupos citadinos, como uma relação marcada pelo preconceito sentido por ele de parte de desses grupos. Sua fala é semelhante a de Wagner. Define-se a sociedade local apenas como fechada, quando incitado a dar sua visão sobre essa situação, passa a culpabilizar a ocupação da cidade por “alemães”:

É que boa parte da colonização aqui foi feita por pessoas de origem germânica ou de descendência germânica, por conta da própria colonizadora que na época dava preferência pro pessoal dessa origem, ou que fosse germânico. Isso fez com que a cultura germânica fosse muito forte, muito arraigada aqui em Rondon, como sempre foi e todo mundo que conhece o município sabe. Não é uma generalização, mas parte dessa sociedade ainda é muito germanizada, ainda prefere os germânicos. Quando vem alguém que não é dos germânicos, essa parcela da sociedade que ainda prefere os germânicos fica com o pé atrás. Não sei se dá pra chamar de preconceito, mas, a gente percebe que demora você conseguir se habituar ao ritmo deles, porque o ritmo deles é outro, porque o sistema deles é outro. Aqui na comunidade, apesar de ser uma cidade de mais de 40 mil habitantes, a gente vê pessoas que parecem conhecer todos da cidade, falam “conheço esse, conheço aquele”. As pessoas encontram você, as pessoas de mais idade, a primeira coisa que elas te perguntam é o teu sobrenome, pra saber se você é de origem alemã ou não, se você é de descendência germânica ou não, então, isso deixa no ar, parece que deixa no ar aquela impressão de que assim ó: se não for desse clube você não participa. (KLEBER MELCHIOR, 2010)

Kleber utilizou-se da posição de historiador para construir sua fala. Utiliza-se de referenciais da História para firmar sua opinião de que a culpa pela suposta divisão entre citadinos e universitários seria dos “alemães”, dos “germânicos” que teriam um modo de vida mais conservador. Ao fazê-lo, retroalimenta o discurso oficial da “colonização germânica”, retroalimentando, também, a divisão que vem criticando.



As fotos nos links abaixo ilustram uma atividade da programação da Oktoberfest, realizada na cidade de Marechal Candido Rondon, anualmente, e prédios inspirados na arquitetura bávara do século XIX. O uso de vestes típicas, comidas tradicionais das comunidades de descendentes de imigrantes alemães, as músicas de marchinhas alemãs, dentre outros aspectos, buscam reforçar a imagem de uma cidade que se quer germânica, tanto com objetivo de construir uma autoimagem, quanto de vender um produto cultural.

Ao caracterizar os cidadãos, em geral, como preconceituosos para com os universitários, os estudantes trazem à tona um problema que deve ser pensado. O fato de caracterizá-los todos, no mesmo grupo, silencia sociabilidades diferentes construídas na cidade. Apontam possíveis fissuras nas relações entre universitários e cidadãos, das quais se aproveitam para se inserir socialmente, mas deixam-nas de lado ao construir narrativamente um grupo social homogêneo, que congregaria todos os cidadãos. Deve ser pensado, também, que ao caracterizar os demais habitantes como “alemães”, “velhos”, “germânicos”, os estudantes estão construindo um estereótipo para esse grupo social. Como exemplo, podemos apontar a referência de Diego ao “jeitão” dos “alemães”. Essa referência é carregada de sentidos pejorativos que constroem para esse grupo social uma imagem caricata. Denominar um grupo, ou uma pessoa como “alemão” pode ter tanto o sentido positivado apregoado pelo discurso cultural oficial, de trabalhador, empreendedor, quanto o sentido pejorativo de “atrapalhado”, “teimoso”, “atrasado”. Nos casos apresentados, os universitários optam pela utilização da expressão em seu sentido pejorativo. Ao denominá-los dessa forma não se consegue a aproximação que seria a lógica implícita da reivindicação do fim de preconceitos. O que se consegue é



alimentar, novamente, essas estruturas de sentido preconceituosas que partiam de ambos os lados.

Ao analisarmos as falas sobre esses sentidos, vemos que sentem o alegado preconceito de formas específicas. Com o aumento da familiaridade com a cidade, e vice-versa, ocorre um rompimento gradual dessa barreira. Se a barreira não se desfaz, porque está marcada na memória, pelo menos a convivência se torna mais fácil.

Para pensarmos essa questão é importante lembrarmos o imbricamento entre eventos e significados. Portelli aponta que na história oral:

A primeira coisa que torna a História oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados. Isso não implica que a História Oral não tenha validade factual. Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas.

O único e precioso elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte possui em medida igual, é a subjetividade do expositor. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, suma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir. Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Fontes orais podem não adicionar muito ao que sabemos, por exemplo, o custo material de uma greve para os trabalhadores envolvidos; mas contam-nos bastante sobre seus custos psicológicos. (PORTELLI, 2007: 7-39)

Por meio das narrativas orais, é possível perceber justamente os pontos de inflexão dessas duas instâncias da subjetividade. A narrativa dos universitários a respeito dos preconceitos sentidos da parte dos cidadãos transcende a condição de significação ou evento. Seria improdutivo



construir aqui ou tentar buscar uma verdade nessa situação, se haveria ou não preconceitos. O que importa aqui é que ao narrarem suas vivências na cidade, fazem-no a partir da lógica de divisão e do preconceito. Dessa forma, a cidade vivida e a cidade significada, imaginada, se imbricam numa trama de sentidos impossível de ser compreendida isoladamente. Ao narrarem a cidade como um lugar dividido em partes com historicidades distintas, os universitários e os cidadãos, a universidade e o centro, constroem na narrativa e na sua própria subjetividade, a divisão. Há então, um constante esforço, consciente e/ou inconsciente, para marcar tal divisão, tal distanciamento.

O caso de Marina remete a outra perspectiva. “Na nossa região aqui, em volta da universidade, não é tanto assim, é mais tranquilo. Na verdade, eu acho que não tem quase esse... Mas mais assim lá pro centro e tal, eu acho que é um pouquinho mais pesado.” (MARINA ABRONDAVI, 2010). Marina divide a cidade em duas partes, “nossa região” - que compreende uma espécie de círculo imaginário em torno do campus - e o “centro”, identificado como lugar dos cidadãos. Esta separação “nossa região” - “centro”, foi utilizada para demarcar os espaços de cada um desses grupos sociais. Para explicá-la, é necessário discutir a sua disposição geográfica da cidade.

Marechal Cândido Rondon é formada por um quadrilátero central planejado, que compõe a região central da cidade, oficialmente falando. Este quadrilátero central comporta tanto grande parte do comércio local quanto uma significativa área residencial. No entorno da área central, localizam-se os bairros. O campus da Unioeste localiza-se em uma das “esquinas” desse quadrilátero. Os universitários provenientes de outras cidades residem, em sua grande maioria, no entorno do campus. Este espaço é habitado tanto por universitários quanto por cidadãos – daí a afirmação de Marina de que os que vivem perto não nutrem preconceitos para com os universitários – constituindo um espaço de forte especulação imobiliária por meio da construção de casas e quitinetes para aluguel.

Interessante pensar que nessa área mais próxima do campus é que se concentram grande parte dos conflitos vivenciados. Esta região comporta um grande número de residências estudantis, as chamadas repúblicas. Em algumas dessas residências, são comuns festas e confraternizações entre



os estudantes. Quase tão comum quanto as confraternizações, são as reclamações que os cidadãos, que residem na região fazem, tanto à polícia, quanto informalmente no dia-a-dia a seus vizinhos e conhecidos. Não são raras as vezes em que as festas são interrompidas e até encerradas pela polícia. Esse feito gera, comumente, revolta por parte dos participantes das festas, em sua maioria universitários. Nessa situação, há algumas problemáticas sensíveis que constantemente geram conflito. Por um lado, os jovens desejam entreter-se e divertir-se. Numa cidade, com opções de entretenimento consideradas por eles como limitadas, sentem a necessidade de criar seus próprios lazeres. Dessa forma, suas casas acabam tornando-se palco de festas e confraternizações. As festas regadas, muitas vezes, com a combinação de som alto e bebidas alcoólicas, quando não com drogas, geram em alguns casos distúrbios no local em que são realizadas. As conversas e a música alta acabam por interferir no descanso e no sono de seus vizinhos. Muitos deles, também, trabalham e não têm a disposição dos universitários de dormir tarde e manter uma rotina de trabalho de igual forma. A partir daí fazem denúncias, gerando e alimentando as tensões nas relações.

A música “Não é sério”, de Charlie Brown Jr., apresenta uma série de representações sobre a juventude a partir de diversos pontos de vista, como da polícia e da mídia, abordando questões como violência, uso de drogas ilícitas e etc. Propõe-se que o leitor faça uma reflexão sobre estas representações da juventude, levando em consideração que o jovem, como sujeito social, possui diferentes características de acordo com sua inserção social e as dinâmicas de suas relações com outros grupos.



Marina utiliza-se desta disposição geográfica, centro/universidade, para demarcar áreas onde se sente mais à vontade, por não viver preconceitos. Essa forma de demarcar a cidade não está presente apenas na fala de Marina, mas também na de outros sujeitos. Um deles é Diego:

É como eu te falei: eu tenho menos amigos da cidade, mas também conheço bastante gente que mora aqui em Rondon, aí entra os meus amigos do tempo do cursinho, porque a maioria deles mora em Rondon. Então, esses amigos, essas amizades são preservadas. Ainda hoje, toda vez que eu vou no centro que eles tão numa festa lá, ou que eles tão aqui perto da faculdade nós nos encontramos, lembra um do outro, conversa e tal. Tem essa amizade, tem esse vínculo daquela época do terceirão ainda, mesmo não se vendo sempre, mesmo se vendo bem esporadicamente, você acaba ainda tendo esse vínculo, essas amizades. Agora, claro, eu tenho bem mais amizades na faculdade, porque eu estou sempre aqui, eu passo 24 horas por dia aqui, vou no centro esporadicamente só, então eu tenho bem mais amizades aqui do que lá no centro. Mas não deixo de ter amigos que moram lá no centro também, eu não tenho essa: - Esse é da faculdade, esse é do centro e se é do centro eu não vou falar com ele. Tanto que Rondon é uma cidade pequena, você não tem como querer, é tudo junto, misturado. (DIEGO GAMARO, 2009)

Diego tem amigos nas duas “regiões” da cidade, “aqui”, próximo ao campus, e o “centro” imaginado, que é habitado por amigos da época do cursinho, os cidadãos. Demarca, portanto, uma separação. Afirmo, também, que devido ao tamanho da cidade é impossível



haver uma divisão entre os grupos sociais que a habitam. Entretanto, no momento em que afirma que é “tudo junto, misturado”, informa uma divisão, afinal se todos fossem iguais não necessitaria marcar a mistura que ocorre.

Quando ressalto que os universitários demarcam uma divisão entre eles próprios e os cidadãos, sentido que alegam ter sido construído e alimentado pelos cidadãos, temos em vista que a cidade é um espaço diverso. O que se expressa é um tensionamento entre dois grupos imaginados e generalizados nas falas dos próprios universitários. São eles que dividem a cidade em grupos. Em suas falas aparecem o “nós”, referindo-se aos universitários e o “eles”, remetendo aos cidadãos. Essa divisão binária esconde a multiplicidade de grupos sociais e suas intrincadas tramas de sociabilidades que compõem a cidade. Ao se referir ao “nós” os universitários tentam construir uma identidade que legitime suas posições. Além disso, reforçam a divisão sentida por eles. Dividir a cidade entre “nós” e “eles” reafirma as questões que problematizávamos ao trabalhar o sentido de se referir aos cidadãos como “alemães”.

O caso de Tiago é muito interessante, nessa perspectiva, pois outras questões, além de sua condição de universitário, põem em movimento o preconceito vivido. Tiago assim se expressa:

No começo cara, no começo eu não percebi muito, porque eu, lá de onde eu venho, o povo tem um pouco disso, o povo é mais do interior assim. Pra mim não foi tão estranho, mas foi com o tratamento com os universitários mesmo, eu achei isso mais que desumano, porque, por o povo ser mais do interior, ser mais chucro, isso eu já sabia, isso eu já sabia, só que eles têm um preconceito muito grande de parte dos universitários. Eu vejo assim, não sei, eu tendo contato assim no dia-a-dia, trabalhando na Haus e no Giovielle, com o povo de Rondon. (TIAGO ORBEN, 2009)

Tiago utiliza-se de sua origem “interiorana” para justificar a ausência de percepção do preconceito que sentiu. Vindo do interior de Verê, no Sudoeste do Paraná, não encontra, num



primeiro momento, dificuldades para se adaptar à cidade. O sentimento de preconceito tem início com sua experiência laboral na cidade. É a partir das relações constituídas no trabalho que Tiago sente o preconceito de forma mais latente. Esse sentimento fez com que narrasse sua posição social de uma maneira interessante:

Eu vejo isso porque eles generalizam, eles falam: - Universitário só presta pra festar, pra incomodar a cidade... Nos colégios só dizem que os universitários só prestam pra incomodar e pra pedir estágio; os que alugam casas perto da faculdade falam que os universitários só estragam as casas; os que moram perto da faculdade falam que os universitários só festam. E é essa a imagem que o povo rondonense tem dos universitários: Que é aquela galera, o pessoal que não presta. E eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim. Tem, claro, lógico que tem o pessoal que vive festando de segunda a sexta, mas, a grande maioria não é assim. Você sabe, o pessoal vem aqui pra estudar mesmo. E eu vejo Marechal Cândido Rondon dividido em dois mundos, a gente vive num mundo aqui perto da Unioeste, aqui os universitários, lá o centro lá, o resto de Rondon é outro mundo, cara. E eu trabalho, parece uma viagem, mas eu trabalho no lugar aonde vem gente dos dois lugares. E ali eles tipo, eu tenho, eu acho que esse preconceito seria mais ou menos isso. (Tiago Orben, 2009)

A principal crítica de Tiago vai em direção ao fato de que os cidadãos generalizam os universitários, estereotipando-os como festeiros. Entretanto, o próprio Tiago faz o mesmo movimento, apenas em sentido inverso. Reivindica a diferença entre os próprios universitários – “E eles acabam generalizando, porque na verdade não é todo mundo que é assim” (TIAGO ORBEN, 2009) – mas mantém generalizações ao fazer referência aos cidadãos, imputando-lhes o preconceito e a responsabilidade pelo seu surgimento, reforçando, novamente, a divisão. Interessante, ainda, na fala de Tiago é como se posicionou socialmente na cidade. Num primeiro momento, apesar de



criticar as generalizações, afirma que a vê dividida em “dois mundos”, por um lado os universitários e por outro o “povo rondonense”. Tiago coloca-se num lugar especial, pois afirma estar num ponto de conexão entre os dois mundos. É a partir desse lugar que legitimou sua leitura. Relacionando-se, constantemente, com os dois grupos, sente ter condição de realizar afirmações a respeito das relações entre eles. Esse posicionamento é reforçado ao falar de seu ambiente de trabalho e de sua função de garçom:

E o serviço de garçom é um serviço ingrato cara. Você sabe, (risos) é um serviço, ainda mais em Rondon... Eu vejo ali pelo Giovialle, não é tanto, tanto, porque na Giovialle já vai mais um pessoal mais centrado, o pessoal da Unioeste, professores, acadêmicos, que não têm tanto preconceito com os universitários. Mas quando a gente bate de frente com a sociedade rondonense, com o povo de Rondon, a gente vê uma grande diferença, eu vejo pelo menos, o pessoal aqui tem muito preconceito com os universitários. E a grande maioria que vai na Giovialle do pessoal de Rondon, que sabe que a gente é universitário: - Ó vai lá meu escravo, traz uma Coca, traz alguma coisa assim. Eu não tenho a reclamar do pessoal da Unioeste, o pessoal aqui da Unioeste é a maioria universitário e professores, mas o pessoal de fora, de fora não, de Rondon que vai lá, que é de Rondon mesmo, eles são muito grosso com nós. (TIAGO ORBEN, 2009)

Mais uma vez Tiago ratificou a divisão que ele e outros universitários construíram, dialogicamente, em suas narrativas. Por um lado, os cidadãos que lançariam olhares preconceituosos sobre os universitários. Por outro, os universitários seriam vítimas do preconceito. Tal leitura não pode ser lida de maneira simplista. Dentro desses grupos, diferentes sociabilidades e posicionamentos passam por constantes construções e ressignificações. No próprio exemplo de Tiago, é possível visualizar que o preconceito não está localizado apenas na sua condição de universitário, mas, também, nas relações de classe implícitas que são identificadas em sua fala. Como funcionário de uma empresa de serviços, num setor informal precarizado, sofre com



o desdém de clientes. Há aqui dois lugares sociais imbricados, compondo a visão dele sobre a situação. Por um lado, sente um preconceito contra os universitários; por outro lado, exerce uma função laboral desprestigiada socialmente. Para além da divisão de grupos sociais, impõe-se uma relação de classes. Não é apenas o Tiago, enquanto universitário que viveu essa situação, mas, também, o Tiago garçom.

Na fala, Tiago e outros estudantes exploram a noção de centro e periferia na cidade. Como pensar em centro e periferia fixos quando apenas com um rápido lançar de olhos vê-se uma singela, mas potente resignificação dessa noção? Ora, se observarmos apenas a superfície das narrativas, veremos que logo de início se cria uma nova divisão, um novo centro: a universidade; e uma nova periferia: o centro da cidade. Essa reconstrução marca um espaço imaginado para um grupo, também imaginado. Estabelece-se uma nova relação com a cidade, legitimando e alimentando o discurso que marca uma relação de tensão entre os cidadãos e os estudantes.

### *“Aprender a malandragem”: A inserção a partir das fissuras.*

Os sentidos construídos pelos entrevistados são complexos. Algumas vezes contraditórios e, certamente, múltiplos. As resignificações de suas visões a respeito da cidade são constantes. Em diferentes momentos, narram experiências traumáticas, ou experiências que julgam benéficas na sua relação com a cidade. Assim, já problematizei a forma como narraram a questão das responsabilidades que viver fora da casa de seus pais trouxe para eles. Discuti, também, a forma como se relacionam com o restante da população da cidade, relação essa carregada de sentidos negativos, marcados por preconceitos, estereótipos e generalizações sentidas e refutadas.

Na multiplicidade de olhares e narrativas da cidade, aparecem não apenas estranhamentos, marcando distanciamentos e disputas. Há momentos em que ocorrem conciliações entre os sujeitos e o que os mesmos definem como características próprias da cidade. Em diferentes momentos sentiram-se vítimas de preconceito e construíram pontes de contato com diferentes grupos de cidadãos.



Nas narrativas, é possível perceber um movimento de conciliação nas sociabilidades na cidade. Diversos entrevistados narram que com o passar do tempo houve uma aproximação com sujeitos da cidade por diferentes motivos e meios. Um desses é Kleber: “Não sei se dá pra chamar de preconceito, mas, a gente percebe que demora você conseguir se habituar ao ritmo deles, porque o ritmo deles é outro, porque o sistema deles é outro.” (KLEBER MELCHIOR, 2010) Em sua fala, marcou a forma como enfrentou as dificuldades sentidas no trato com cidadãos. Kleber se inseriu na cidade pelas fissuras, pelas bordas. Como meio de sobrevivência, corrigia e digitava trabalhos para colegas. Na busca por um emprego, trabalhou de garçom em um ambiente que considerava representativo do discurso germanizador dominante na cidade. Ao ser indagado sobre como havia enfrentado as dificuldades para se inserir, narrou:

Olha, eu lidei com tranquilidade. Porque eu pensei o seguinte: - Se não me quiserem para o clube, digamos assim, se não quiserem me contratar, eu vou ter que fazer de outra maneira. E eu felizmente consegui outra maneira, eu fui trabalhar de garçom em uma choperia aberta nos moldes da cultura germânica, mas que não era de propriedade de um germânico. Quem dirigia na época a choperia era um empresário que tinha vindo de Foz do Iguaçu, e era tão de fora quanto eu. Então nessa choperia acabei encontrando serviços nos fins de semana e à noite, pra poder trabalhar de garçom e sustentar o meu período de faculdade. (KLEBER MELCHIOR, 2010)

Assim, o universitário conseguiu se inserir a partir de fissuras. Uma choperia “nos moldes da cultura germânica”, de propriedade de alguém estranho a essa mesma cultura, foi a porta de entrada no mercado de trabalho informal da cidade.

Kleber teria se inserido a partir das fissuras do mercado de trabalho de Marechal Cândido Rondon. Wagner, por sua vez, narrou esse processo de forma diferente. Sua fala foi construída a partir das possibilidades de lazer construídas que possibilitaram que se aproximasse de outros grupos que não de universitários:



No começo era uma coisa mais fechada, só entre a faculdade. Aí você começa a conhecer uma pessoa que estudava com você, que mora na cidade, vai jogar futebol, tem os amigos, aí você começa a ter uma interação um pouquinho maior com o pessoal da cidade. Mas primeiro era o círculo da faculdade, dentro da faculdade, com o pessoal da faculdade, pra depois começou a sair pra fora, mais com a cidade daí.

[...] Aí começaram a apresentar outras pessoas da cidade que eu fui conhecendo. Aí começou essa amizade, começou assim na maioria das vezes, ou jogando futebol, que eu gostava muito de jogar futebol. Aí comecei a jogar futebol, já fui jogar futebol na AABB, conheci bastante gente lá e aí começou a amizade da cidade. (WAGNER DA SILVA, 2010)

Na fala de Wagner, dois processos devem ser sublinhados. Primeiro a aproximação com grupos da cidade a partir do lazer e, depois, os sujeitos que o integram nessas estruturas de lazer. Se neste texto falo quase com exclusividade de universitários que vêm de outras localidades cursar o ensino superior, não é possível esquecer que a ela é frequentada, também, por estudantes locais. Assim, contribuem para o processo de integração dos universitários com outros grupos sociais.

Pensar a construção da subjetividade de universitários expressadas nas narrativas, requer que pensemos nas diferentes formas de vivenciar a cidade. Cidade e universidade não se apresentam, aos diversos estudantes, da mesma forma. Cada sujeito percebe sua inserção, nesses espaços de maneira específica, assim como lerá esses ambientes a partir das especificidades de sua subjetividade. Entendo que a cidade é vivida por cada estudante a



partir de sentidos sociais e historicamente construídos, particulares e ao mesmo tempo múltiplos, que passarão a compor a construção de suas identidades em relação a outros referenciais.

Pensar os viveres universitários, em Marechal Cândido Rondon, é lidar com uma infinidade de espacialidades constituídas e constituidoras de subjetividades. Impossível pensar a cidade vivenciada e praticada, sem pensar nas conexões que estabelecem com espacialidades outras que não apenas as que estão presentes dentro dos estreitos limites geográficos desta cidade. Como pensar Marechal Cândido Rondon a partir dos universitários, sem pensar trajetórias constituídas em outras espacialidades? No momento de migração, não passam apenas por rupturas, mas por continuidades. As continuidades e rupturas são significadas pelas novidades que as especificidades de Marechal Cândido Rondon apresentam a esses sujeitos num processo intercultural.

Chegar à rodoviária de Marechal Cândido Rondon, para residir na cidade não é apenas um momento de ruptura com a vida pregressa. É, também, um momento de ressignificação, de reconstrução. Não é apenas movimento de desterritorialização, mas de contínua e de simultânea reterritorialização. Esse movimento passa pelos processos de desconstrução de identidades. Para além da desconstrução dessas identidades, está o movimento de ressignificação dessas identidades a partir das possibilidades apresentadas pelas múltiplas subjetividades presentes na cidade.



# FONTES

NOTAS

- Entrevista com Cristian Jonas Lüdke, 25 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2004, momento em que se mudou do distrito de São Roque, interior do município de Marechal Cândido Rondon, para sua sede. À época, trabalhava numa empresa de assistência técnica na área de Zootecnia. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 18 de março de 2010.
- Entrevista com Diego Augusto Arollo Gamaro, 22 anos, aluno do 5º ano de Agronomia. Ingressou na universidade em 2005, quando se deslocou do município de Terra Roxa – PR para Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 12 de maio de 2009.
- Entrevista com Kleber Dreicy Melchior, 32 anos, egresso do curso de História. Ingressou na universidade em 2004, mudando-se da cidade de Cascavel para Marechal Cândido Rondon. Professor de História na rede privada de ensino em São Miguel do Iguaçu. Reside em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 13 de março de 2010.



- Entrevista de Marina Abrondavi, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de Direito. Natural da cidade de Cascavel - PR, mudou-se para Marechal Cândido Rondon em meados de 2008. Estava no final do 3º ano do curso. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 26 de março de 2010.
- Entrevista com Nicheli Rodriguez Santos, 20 anos, aluna do 3º ano do curso de História. Nicheli ingressou na universidade em 2007, deslocando-se da cidade de Toledo - PR onde residia há um ano após ter migrado de Primavera do Leste – MT para esta cidade. Formou-se em 2010 e no ano seguinte ingressou, com bolsa, no Programa de Mestrado em História da Unioeste campus de Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 30 de novembro de 2009.
- Entrevista com Tiago Orben, 20 anos, aluno do 3º ano do curso de História. Ingressou na universidade em 2007, quando se mudou de Verê - PR para Marechal Cândido Rondon. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 16 de julho de 2009.
- Entrevista com Wagner Tiago Mozart da Silva, 28 anos, egresso do curso de Zootecnia. Ingressou na universidade em 2003, quando se mudou de Xanxerê - SC para Marechal Cândido Rondon. Casado, dois filhos, concluiu seu curso de mestrado em Zootecnia no segundo semestre de 2010. Residia em Marechal Cândido Rondon. Narrativa gravada em 15 de março de 2010.



# REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

DAYRELL, Juarez. O Jovem Como Sujeito Social. In: **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

LAVERDI, Robson. Mercantilização da Cultura e Permeabilidade do Social. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon: Ano VII, Nº. Especial. 28-29. 2º Semestre, 2006.

\_\_\_\_\_. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.

PORTELLI, Alessandro. Forma e Significado na História Oral. A Pesquisa como um Experimento em Igualdade. **PROJETO HISTÓRIA**. São Paulo: Fevereiro, 2007.

\_\_\_\_\_. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, nº2, 1996.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 8. Lisboa: Casa da Moeda, 1986. 396-487.

SAINTOUT, Florencia. **Jovenes: El futuro llegó hace rato**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na História e na Literatura**. São Paulo: Cia. das Letras. 1989.

